



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – Campina Grande
CENTRO de Integração Acadêmica
CURSO DE GRADUAÇÃO em Licenciatura Plena em Geografia**

CRISTISÂNGELA SILVA MEDEIROS

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA -
possibilidades e experiência**

CAMPINA GRANDE – PB
2014

CRISTISÂNGELA SILVA MEDEIROS

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA –
possibilidades e experiência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação **Licenciatura Plena em Geografia** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientador (a): Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488e Medeiros, Cristisangela Silva
Estágio supervisionado em geografia - possibilidades e
experiência [manuscrito] / Cristisangela Silva Medeiros. - 2014.
20 p. : il. color.

Digitado.
Graduação (Graduação em Geografia) - Universidade
Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Josandra Barreto de Melo,
Departamento de Geografia".

1. Estágio Supervisionado 2. Ensino Médio 3. Ensino de
Geografia I. Título.

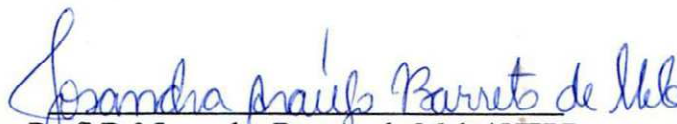
21. ed. CDD 371.225

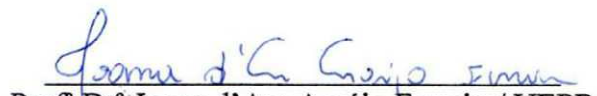
CRISTISÂNGELA SILVA MEDEIROS

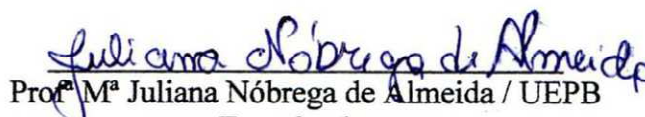
Estágio supervisionado em Geografia - possibilidades e experiência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de **Licenciatura Plena em Geografia** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Aprovada em 25/11 /2014.


Prof^a Dr^a Josandra Barreto de Melo/ UEPB
Orientadora


Prof^a Dr^a Joana d'Arc Araújo Ferreira/ UEPB
Examinadora


Prof^a M^a Juliana Nóbrega de Almeida / UEPB
Examinadora

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA - possibilidades e experiência

MEDEIROS, Cristisângela Silva¹

RESUMO

O presente estudo delinea-se em torno da experiência de estágio ministrada com uma turma do terceiro ano médio da Escola Estadual Dr. Elpídeo de Almeida, localizada no bairro da Prata, cidade de Campina Grande – PB. Objetiva-se demonstrar como se deu o processo de estágio supervisionado referente ao ano letivo de 2012. Para o alcance de tal pretensão, realizou-se pesquisa bibliográfica e documental e a pesquisa *in loco*, entrevistas orais e observações do universo escolar. Alguns norteadores julgados pertinentes e relevantes para o dia a dia das aulas de Geografia são apresentados, tais como um planejamento flexível, em vista que as chances da aula tomar outro rumo por contextos atuais, explorados pela mídia, devam ser consideradas; também a busca por um maior dinamismo de métodos e práticas que despertem o interesse do educando pelo aprender; Sugere-se ainda a alternância dos recursos didáticos nas aulas, a fim de romper com o protagonismo do livro didático, modelo calcado num ensino tradicional, dificultando, a aproximação e reflexão do aluno sobre o seu objeto de estudo. Segue-se com o relato das aulas observadas e ministradas. Conclui-se com reflexão concernente à importância do estágio para a formação docente, do papel do professor de Geografia, especialmente, na promoção de uma aprendizagem significativa e cidadã, da família como base educacional e de uma educação institucional ampla e, sobretudo, democrática.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio Supervisionado. Geografia. Ensino.

¹ Graduanda do curso de licenciatura de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. *E-mail:* cris-geografia2014@hotmail.com.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	6
2.1 Atitudes para a promoção do ensino e da aprendizagem.....	6
2.1.1 Planejar.....	6
2.1.2 Dinamizar.....	8
2.1.3 Diversificar.....	9
3. REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	11
3.1 Caracterização.....	11
3.2 Procedimentos metodológicos.....	11
3.3 Recursos técnicos da pesquisa.....	11
4. DADOS E RELATOS.....	11
4.1 A Escola em questão.....	11
4.1.1 Histórico.....	12
4.1.2 Localização.....	13
4.1.3 Caracterização da turma.....	13
4.2 Descrições das Aulas.....	14
4.2.1 Primeiro encontro com a turma.....	14
4.2.2 Segundo encontro com a turma.....	15
4.2.3 Regência.....	15
5. CONSIDERAÇÕES.....	17
RESUMEN.....	18
PALABRAS-CLAVE.....	18
REFERÊNCIAS.....	19

1. INTRODUÇÃO

Atualmente muito tem se falado sobre o sistema escolar brasileiro estar passando por uma fase de intensas reformulações, pode-se considerar que a educação nunca foi tão relevante como nos dias de hoje. Como reflexo das diversas mudanças gradativas, o papel do professor conseqüentemente também vem se remodelando. As novas demandas sociais ocasionadas principalmente pelo processo de globalização, os avanços da ciência e tecnologia, a criação/expansão de novos direitos sociais, dentre outros fatores, exige do educador uma postura flexível a respeito dos tipos de relações que deve manter com as comunidades nas quais existe e das quais é parte integrante, conforme Vesentini (2004).

Nessa perspectiva, a Geografia mais uma vez assume importante papel, assim como o professor de Geografia dentro dessas metamorfoses socioespaciais. As universidades têm então a tarefa de “construírem” profissionais de educação habilitados para suprir as necessidades dessas novas demandas sociais, daí então a importância do processo de estágio como fase indispensável para a formação do professor, o saber/fazer assume além da concretização da relação teoria e prática e da consolidação de saberes para ensinar, a função social de integração do acadêmico no mercado de trabalho, como profissional e como cidadão consciente e crítico (PERELLÓ, 1998).

O presente estudo se delinea em torno da experiência de regência das aulas de Geografia, após a fase de observação da realidade escolar no primeiro semestre do ano de 2012, possibilitado pelo componente curricular Estágio Supervisionado II, da UEPB. A mesma foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídeo de Almeida, segunda escola escolhida para atuação (a primeira foi a Félix Araújo, no primeiro semestre), nela perpassaram-se observações, entrevistas e análises sobre o universo escolar no que se refere à estrutura, ao sistema de ensino e aprendizagem, a organização, o comportamento da turma em estudo e as aulas ministradas pelo professor regente.

Também serão comentados alguns métodos e práticas de ensino/aprendizagem propícios às aulas de Geografia e entende-se serem de suma relevância para o alcance de resultados satisfatórios durante e pós o período de estágio, tais como a proeminência de se planejar as aulas, incluindo a necessidade de flexão do plano de aula, de tornar as aulas de Geografia mais atrativas e significantes e algumas outras possibilidades de ensino e aprendizagem além do livro didático; Arraigando-se na literatura que exprime o tema. Para isso, utilizou-se da revisão bibliográfica, recorrendo a Barbosa (2010), Kaercher (2010), Scandelai (2010), entre outros meios, a fim de atingirem-se as pretensões. Por conseguinte,

será feita a explanação da experiência da regência na escola pesquisada, assim como as atividades desenvolvidas durante essa fase. Sendo assim demonstrada a vivência do estágio, desde o conhecimento do espaço escolar até o último encontro com a turma escolhida para o período da regência.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Atitudes para a promoção do ensino e da aprendizagem

Na atual modelagem do ensino da Geografia nas escolas básicas ainda perduram heranças de métodos/práticas tradicionais, como aulas meramente expositivas e/ou apenas transcritas no quadro. Contudo, tem-se avançado em estudos que vêm contribuindo (mesmo que sorrateiramente) para a melhoria ampla do sistema educacional e de ensino/aprendizagem nas escolas do país. Através do estudo de teorias ligadas a prática de ensino durante a graduação, tornou-se possível compreender que algumas atitudes podem contribuir para promoção das aulas. A seguir, serão abordados tópicos que podem ser desempenhados pelo educador, a fim de promover e agregar mais valor às aulas desempenhadas.

2.1.1 Planejar

Durante a graduação, principalmente nas aulas de prática de ensino, é enfatizado preceitos sobre a importância de se planejar as aulas, como forma de garantia que tudo corra bem, mesmo assim é possível que se ignore o planejamento e/ou, ainda mais corriqueiramente, um segundo planejamento, o “plano B”.

Como exemplo vivenciado no ambiente de estágio, foi corroborado um indesejável caso, que veio à tona graças a dispensa do segundo plano de aula. Nessas horas haja jogo de cintura e, mesmo assim, nada supera um bom planejamento, por isso a importância de se prevenir e elaborar não um plano, mas dois, três...

O plano de aula refere-se aquilo que o professor/estagiário deve elaborar antes de dar às aulas. Esse plano deve seguir diretrizes que almejam guiar o docente para garantia da articulação entre tarefas da escola e as exigências do contexto social (CERQUEIRA, 2012).

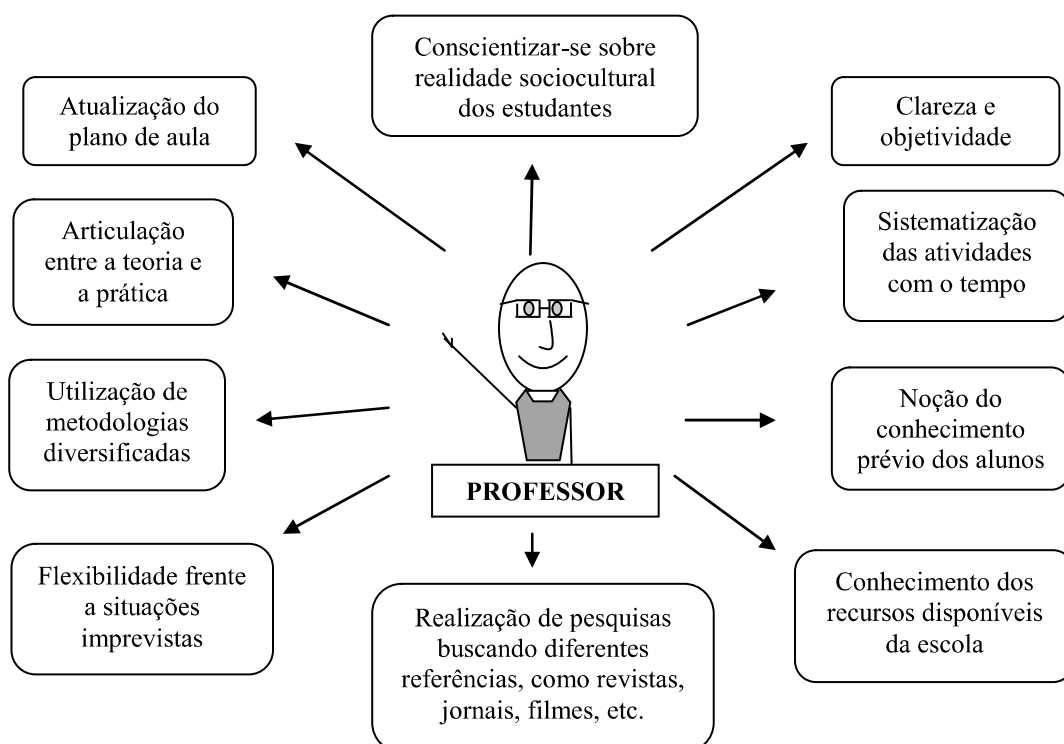
Através de definições dos objetivos da aula, de recorte do conteúdo, dos métodos para ensinar, dos recursos didáticos a serem usados, dos instrumentos e os momentos de avaliação, o professor garante vínculo entre posicionamento filosófico, político-pedagógico e

profissional, e ações que irá realizar em prol da consolidação eficaz do conhecimento no processo de ensino/aprendizagem (SCANDELA, 2007).

De acordo com Scandela, (Op. Cit.), “o plano deve ser coerente, ou seja, articular de uma maneira lógica o conteúdo e a forma na perseguição dos objetivos propostos” (2007, p.59). Todavia, é importante compreender que o plano de aula é variável e está propício a modificações. Às vezes o professor ao elaborar seu plano de aula esquece que precisa ser flexível, pois, na condição de professor, está sempre propondo discussões (ou deveria sempre estar) que podem ser levadas à fuga do roteiro destinado. Isto implica dizer que “tanto professores quanto alunos podem perceber a necessidade de mudanças e propor alternativas” (SCANDELA, 2007, p. 60), é uma negociação.

Assim é requerido que o docente tenha no mínimo atenção, iniciativa, compromisso, autonomia intelectual e, é claro, ser atualizado – tendo em vista que as chances da aula tomar outro rumo por contextos atuais, explorados pela mídia, serão maiores.

Numa visão geral, conforme Cerqueira (2012) focaliza-se a seguir algumas medidas que é consenso entre estudiosos do assunto, consideradas relevantes para elaboração de um bom plano de aula:



Tudo acima exposto, para a elaboração do plano de aula, são indiscutivelmente necessários quando se pretende ministrar uma aula de qualidade, porém, é dispensável seguir

o plano de aula a “ferro e fogo”, rigorosamente. A flexibilidade precisa perdurar assim como o bom senso dos docentes e futuros docentes. E ainda, como foi comentado no início, deve-se pensar e considerar um segundo plano, o “plano B”, criar diferentes estratégias de ensino e aprendizagem para o cotidiano das aulas, pois eventualidades podem surgir e sempre é bom estar preparado.

2.1.2 Dinamizar

Acabar com a visão negativa da disciplina e das aulas de Geografia tem sido um desafio, visto que, elas são rotuladas (por uma grande maioria) como descritivas, chatas, tediosas, menos importante. Somada a isso, também a visão que se tem do professor de Geografia, como um profissional bonzinho, pouco exigente e por aí vai... Visões distorcidas que prejudicam a ciência geográfica e o profissional docente. Verifica-se grande empenho por estudiosos, nos cursos de licenciatura em Geografia, pela busca de caminhos para solucionar estes e outros problemas arraigados à Geografia há muito tempo. Tornar as aulas de Geografia mais atrativas e acabar de vez com esses e outros estereótipos é uma empreitada que deve ser cumprida pelos docentes .

A aula deve, ou ao menos deveria ser atraente tanto para o aluno quanto para o professor, tenhamos como base, um exemplo de uma conquista amorosa, para haver o êxito dessa conquista ambos tem que se atrair um pelo outro, se apenas um do casal se atrair e o outro não, provavelmente será um fracasso. Logo, se apenas o professor estiver envolvido, não é garantia de que os alunos desempenhem o mesmo interesse, ou, se ao contrário, seja os alunos os mais interessados, não é garantia que o professor esteja cem por cento empenhado na aula - principalmente devido a uma gama de fatores negativos que dificultam, desestabilizam e desmotivam o profissional de educação no Brasil, conforme indica Carissimi e Trojan (2011) que as “perspectivas de melhoria na qualidade do ensino estão articuladas com a valorização docente, traduzida pelas condições concretas de formação, remuneração e de trabalho dos professores”.

Para conseguir êxito no ensino e aprendizagem nas aulas de Geografia envolve entre outras coisas um profissional educador comprometido, capacitado e valorizado, mesmo com todas as barreiras que estes estão à mercê, é possível tornar as aulas de geografia mais atrativas e produtivas desde que o professor realize e propicie aos seus alunos métodos e práticas que despertem o interesse pelo aprender, nessa perspectiva se faz necessário que o docente busque alternativas pedagógicas que ofereçam atrativos também.

A seguir algumas dicas que, baseadas em Freitas (2012), provavelmente servirão para dinamizar as aulas e alcançar objetivos satisfatórios:

- Iniciar a aula fazendo uma introdução do assunto a ser abordado e dos objetivos a serem alcançados;
- Relembrar o assunto da aula passada para que haja uma ligação entre os conteúdos;
- A utilização de mapas, globos, transparências, vídeos, jornais, revistas e músicas são importantes instrumentos para a fixação de conteúdos;
- Incentivos à leitura, uma vez que a mídia tomou o lugar da mesma, e realização de trabalhos dirigidos em grupo.
- O provimento de aulas de campo, conhecidas como atividade extraclasse, pois fornece um grande potencial para a aprendizagem, por se tratar da prática, do real, da experiência, da realidade vivenciada, portanto, mais significativa, valorativa para o discente.

Essas são algumas das várias possibilidades que o educador pode se valer, todavia, somente o papel do professor neste processo não é suficiente, se faz necessário que o aluno dê sua contribuição questionando, dando sua opinião, participando como sujeito crítico e ativo no processo de aprendizagem geográfico.

2.1.3 Diversificar

Sabe-se que o livro é o material didático mais utilizado pelos professores nas salas de aula de todo o Brasil. Isso não deveria ser visto como uma coisa ruim, afinal é também essa uma das suas finalidades dentro do ensino e aprendizagem, serem utilizados pelos docentes na regência das aulas, não é? Mas o problema está em como ele é utilizado. Globo e mapa estão entre outros recursos, sendo esquecidos pelo professor! Geralmente recorre-se ao livro como se fosse “Bíblia” - não se restringindo tão somente ao ensino da Geografia -, seguindo-o a risca, o empregando indiscriminadamente nas aulas, criando certa dependência e reproduzindo conteúdos. Para Meloni (2009, p. 402), ao utilizar o livro didático de forma inapropriada,

O professor não faz maior aproximação do aluno para com o objeto de estudo, ou seja, o professor não utiliza um meio de interação para haver esta articulação, e como resultado desse mecanismo adotado pelo professor para expor o conteúdo, tem-se uma aprendizagem defasada, em que o aluno não consegue pensar criticamente sobre o objeto de reflexão.

Em síntese, esse é um modelo calcado na educação tradicional, impedindo, dificultando, a aproximação e reflexão do aluno sobre o seu objeto de estudo. Kaercher, entre outros autores, em seus trabalhos, traz auxílio no uso de alternativas que remove um pouco o livro didático de seu protagonismo ímpar na elaboração das aulas pelos docentes, por exemplo, empregar diferentes textos jornalísticos “no intuito de mostrar a cotidianidade do espaço geográfico em nossa vida [...] que apontam para a possibilidade de a Geografia provocar um diálogo produtivo, criativo e rico entre diferentes assuntos, usando diferentes escalas de análise” (KAERCHER, 2010, p. 135).

Também o uso de recursos visuais, como mapas, cartas topográficas, pinturas, fotografias, dentre outros são fontes de excelente escolha. Os meios audiovisuais, filmes documentários e/ou de ficção, como recurso didático no trabalho em sala de aula é também uma boa alternativa. Mas muita atenção para que esse meio didático não acabe virando o substituto do professor. Como corrobora Barbosa (2010, p. 112),

[...] o filme não deve ser utilizado como uma ilustração da palavra do mestre, ou como reforço da aprendizagem. [...] o papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e professores [...] Trata-se, portanto, de um movimento de apropriação cognitiva da relação espaço-imagem e, principalmente, da criação de sujeitos produtores de conhecimento e reconhecimento de si mesmos e do mundo.

Neste sentido, é necessário que a imagem cinematográfica esteja voltada para a criticidade no que se refere à sociedade a qual somos parte, a qual vivemos.

Ainda temos como opção a música, a poesia, os jogos, aulas de campo, dentre alternativas, que podem fazer com que o livro didático se torne pouco menos “maestro” nas aulas de Geografia.

A intenção realmente é esclarecer que além do livro didático, outros recursos didáticos e de pesquisa para o ensino precisam ser explorados e constados na elaboração do plano de aula a fim de permitir “ao aluno um aprendizado pautado na experiência vivenciada, onde através da interação com o objeto de estudo o aluno consegue apreender conhecimento” (MELONI, op.cit, p. 402).

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 Caracterização

A pesquisa gira em torno da experiência de estágio supervisionado de ensino, em como se deu esse processo nas aulas de Geografia particularmente. Para tal feito, serviu-se de campo de amostragem a Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida, situada no bairro da Prata, cidade de Campina Grande – PB.

3.2 Procedimentos metodológicos

Neste trabalho, foram utilizados documentos institucionais do Colégio Estadual Dr. Elpídeo de Almeida, como um meio de aprofundar os conhecimentos a respeito do mesmo, para a realização do presente relatório. Quanto ao procedimento bibliográfico, este envolve materiais já elaborados, constituídos, maiormente por livros e artigos científicos. Também se realizou observações, análises e constatações *in loco*, neste caso, o espaço escolar. Foram levantados alguns os dados de alunos da turma do terceiro ano médio e, posteriormente analisados, de acordo com os objetivos do relatório.

3.3 Recursos técnicos da pesquisa

Para efetivação do relatório, utilizaram-se observações vivenciadas no espaço de estudo, imagens e entrevistas orais, como forma de arrecadar informações no que se referem à estrutura escolar, os recursos didáticos, as aulas de Geografia e as práticas de ensino/aprendizagem geográficas no ambiente escolar em questão.

4. DADOS E RELATOS

4.1 A Escola em questão

A Escola Estadual de Ensino Médio e Profissionalizante Dr.Elpídio de Almeida – Estadual da Prata -, é uma das maiores escolas estaduais do nordeste, ocupando uma área de 20. 400 m² (vinte mil e quatrocentos metros quadrados). Conta com 36 (trinta e seis) salas de ensino médio integrado (secretariado, gestão e contabilidade), atendendo a 2.800 (dois mil e oitocentos alunos), distribuídos nos turnos da manhã, da tarde e da noite.

A escola possui: ginásio esportivo, sala de vídeo, biblioteca, laboratório de informática, uma sala de teleeducação (uma sala aparelhada com um kit de vídeo e TV), o EPA (que é um espaço reservado para os estudos de planejamento e aperfeiçoamento, localizado

acima do auditório); auditório, sala de reuniões, sala dos professores, sala da direção. A seguir imagem parcial da fachada do “Estadual da Prata”.

Figura 1: Fachada da E.E.E.M. Dr. Elpídio de Almeida.



Figura 1 – Fonte: Google Eart.

4.1.1 Histórico

O Colégio Estadual Dr.Elpídio de Almeida, foi fundado entre o fim da década de 40 (quarenta) e início da década de 50 (cinquenta). Isso só foi possível após a criação de um movimento de cunho cultural, com o objetivo de sensibilizar o Governo Estadual - o então governador era Dr. Oswaldo Trigueiro -, no sentido de que ele construísse, na cidade, um educandário de grande porte que atendesse as necessidades da época, uma vez que só existiam em Campina Grande três estabelecimentos de ensino secundário, considerados de grande porte à época: Ginásio Alfredo Dantas (hoje, Colégio Alfredo Dantas), Pio XI e Imaculada Conceição (DAMAS), todos no centro da cidade e particulares.

O governador comprometeu-se em construir a obra, em contrapartida, exigiu da edilidade campinense onde pudesse ser construída uma obra de tal porte, o que foi solucionado de pronto pelo Sr. Raimundo Viana, que doou o terreno onde hoje está edificado o ESTADUAL DA PRATA ao Governo do Estado que, de imediato, deu início às obras que em virtude do tamanho físico da construção, não foi possível concluí-la dentro do cronograma pré-estabelecido, só sendo o mesmo inaugurado vários anos depois, no governo subsequente do Dr. José Américo de Almeida, que no dia 31 de Janeiro de 1953 veio pessoalmente à cidade com a finalidade de inaugurar o que viria a ser, e continuaria sendo, o maior estabelecimento de ensino do Estado da Paraíba, ver figura 1 e 2.

Recebeu o nome de Colégio Estadual de Campina Grande, também conhecido como “O Gigantão da Prata”. O ato que autorizou o funcionamento foi o DECRETO N° 456 de 18/07/1952. E o ato que reconheceu o funcionamento da E.E.E.M. Dr. Elpídio de Almeida foi a RESOLUÇÃO N° 145/97 DO CEE. A atual direção geral encontra-se nas mãos da primeira mulher a ocupar esse cargo depois de mais de meio século, 54 (cinquenta e quatro) anos, Gisélia Fernandes Mariz Simões foi eleita em dezembro de 2006.



Figura 2: Escola Estadual de E. M. Dr. Elpídeo de Almeida . Fonte: Google eart

4.1.2 Localização

A escola está localizada na Rua Duque de Caxias, S/N, Bairro da Prata, na cidade de Campina Grande – PB, que é a segunda cidade em população no Estado da Paraíba (388.000 habitantes), exercendo grande influência política e econômica sobre outros 60 municípios (1 milhão de habitantes) do Estado da Paraíba, o que a torna um dos principais pólos industrial, tecnológico e educacional da Região Nordeste do Brasil.

4.1.3 Caracterização da turma

Aulas no horário noturno;

Residem em diferentes bairros de Campina Grande;

Possuem idades entre 17 e 39 anos;

Dos 35 alunos, 19 eram do sexo feminino e 16 do sexo masculino;

Mais da metade exerciam algum tipo de trabalho (remunerado e não remunerado).

4.2 Descrições das Aulas

A oportunidade de reger a turma da noite, do 3º ano “B”, do ensino médio, da Escola Estadual Dr. Elpídio de Almeida surgiu no ano de 2012, segundo semestre. Esta turma, era formada por trinta e cinco alunos, mais alguns advindos de outra sala – nem sempre isso ocorre, segundo o professor regente - especificamente da disciplina de Comércio, que uma vez ou outra assiste as aulas, elevando a turma a uma média de 42 alunos por aula, isso quando os conteúdos da disciplina de Comércio coincidem com os da disciplina de Geografia.

No primeiro dia de observação, antes de conhecer a turma em questão, foi necessário um breve encontro ocorrido em frente à escola com o professor institucional de estágio e um pouco mais tarde também com o professor regente da escola campo de estágio, tendo por objetivo ficar por dentro de como era basicamente a turma, assim como o horário das aulas. Ficou assim estabelecida a experiência do estágio: turma do 3º ano “B”, noite, durante os meses de setembro e de novembro de 2012, todas as terças-feiras, duas aulas, no primeiro e no segundo horário, iniciando às 19 (dezenove) horas e terminando às 20:00 (vinte) horas.

4.2.1 Primeiro encontro com a turma

Na terça-feira, 11 de setembro de 2012, chegara à fase de observação, ao dirigir-se a turma e apresentar-se houve o acolhimento e acomodação, esta no fundo da sala, estrategicamente, pois a visão da turma fora mais ampla. Logo na primeira observação, foi percebido um ambiente um tanto quanto agitado, comportamentos resultantes da curiosidade sobre o inusitado episódio do processo de estágio que também faziam parte agora. Além disso, surpreendeu o número de alunos que a turma contava na ocasião, eram 45, mas como já citado, se dava especialmente à vinda dos alunos da disciplina de Comércio a fim de anteciparem a aula do professor. O fato é que em outras experiências de estágio foi presenciado turmas do EJA - Educação de Jovens e Adultos² -, com números bem inferiores de alunos, logo, todas aquelas cadeiras ocupadas, contrastaram com uma última experiência de estágio até o presente momento.

Imagina-se que no Estadual da Prata, colaborem para o maior número de alunos por sala de aula (que se dá nos três turnos), fatores como a ampla estrutura, a tradição, a credibilidade, a popularidade, a localização e a segurança da escola em foco. Retornemos a etapa de observação. O professor regente deu início à aula, falava sobre o conteúdo

² Modalidade da educação básica destinada aos jovens e adultos que não tiveram acesso ou não concluíram os estudos no ensino fundamental e no ensino médio.

“Urbanização e Industrialização”, a aula foi expositiva, com utilização do quadro para reafirmar ideias com a escrita de palavras chaves. Alguns dos alunos participaram, um pequeno grupo no fundo da sala conversava e eram advertidos pelo professor. No término da aula, ao sondar o professor sobre o tipo de avaliação que ele utilizava com os alunos, explicou que a mesma era contínua, aplicando uma atividade avaliativa de aprendizagem a cada final de bimestre.

4.2.2 Segundo encontro com a turma

Este segundo, ocorrera numa terça-feira, dia 18 de setembro de 2012, uma semana após a primeira observação, e o retorno ao “Estadual da Prata” ocorria, haveria uma segunda etapa de observação da turma e da aula do professor regente. Nesta noite contavam 38 alunos (a turma de comércio mais uma vez foi unida a turma do 3º ano B), que aos poucos chegavam, o foco dessa aula eram as provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e dos vestibulares, que seriam nos próximos dois meses. O professor comentou sobre as probabilidades de certos conteúdos da atualidade “cair” nas provas, como por exemplo, a sátira norte-americana sobre o profeta Maomé e a religião muçumana. Por conseguinte pediu que todos pegassem seus livros e resolvessem questões do ENEM e vestibulares nas páginas finais para que fossem respondidas e entregues no máximo até o dia seguinte.

Percebeu-se que alguns dos alunos se ocuparam em outras coisas como conversinhas e joguinhos de celular, mas a maioria se deteve na resolução do exercício. Conforme se passava a aula surgiam perguntas, dúvidas sobre os conteúdos que a atividade abordava etc., o professor sempre solícito atendia a todos. Próximo ao término da segunda aula, após conversa ficou combinado o início da regência, para próxima aula, o conteúdo seria “O meio rural e o agronegócio”, ficou acertado também o uso do *data show* como recurso audiovisual, uma vez que a escola deixara sempre a disposição para uso dos professores.

4.2.3 Regência

Após mais de um mês sem conseguir uma aula na terça-feira de Geografia na escola hospedeira devido a feriados, paralisação dos professores do estado, eleições municipais – 1º e 2º turno, enfim no dia 30 de outubro de 2012, se concretizaria enfim a primeira regência na escola. Ao chegar à escola com o professor institucional, de Estágio Supervisionado, buscou-se primeiramente o *data show*, a surpresa é que o computador estava quebrado. De imediato

veio em mente o fato da importância do planejamento, do tal “plano B”, que por sinal já rendeu algumas linhas desse trabalho. A solução escolhida foi partir para aula expositiva e após breve apresentação dos objetivos da aula, foi utilizado o quadro para escrever o tema, além de palavras e frases chaves para compreensão do conteúdo. Os alunos acompanhavam com livro, o intuito era de que observassem mapas, imagens, gráficos e pudessem vinculá-los à aula. Como não houve nenhuma sequência “topificada” sobre o conteúdo, esta que deveria ser o “plano B”, foi necessário dar segmento conforme o livro didático. No geral, a turma mostrou-se pouco entusiasmada. Salienta-se que durante a exposição da aula procurou-se considerar a relação inerente entre o local e o global a fim de facilitar a interação discente com o conhecimento.

Reconhece-se que o tradicionalismo do ensino de Geografia, tão combatido durante a licenciatura se fez presente (infelizmente) nesta aula, passagem constatada mediante a ausência de recursos didáticos mais atrativos, além do livro didático. Entende-se que ao ministrar uma aula majoritariamente expositiva, demonstra-se um desejo inconsciente de que o discente apenas absorva todo o conteúdo, como se fosse um depósito de informações. É inviável dizer que aqueles alunos tiveram uma aprendizagem de fato significativa, dentro do que se espera realmente do ideal de ensino/aprendizagem.

No dia 13 de novembro de 2012, houve o retorno à escola de estágio e nesta ocasião foi preparada uma atividade para a turma, elaborada com base nas aulas anteriores, foram empregados charge, cruzadinha e trechos textuais para estimular a análise e o raciocínio crítico na resolução das questões. Distribuiu-se e explicou-se à turma a atividade. Enquanto respondiam, pesquisavam no livro-didático em duplas (isso foi à forma de fazer com que todos tivessem acesso ao livro, já que nem todos o trouxeram). Ao analisar a atividade o professor regente combinou que avisasse à turma que a mesma valeria de zero a dez. Diferentemente da primeira aula, duas semanas antes, observou-se um profundo empenho em responder a atividade elaborada. Evidenciou-se ainda um interesse maior dos discentes, em solucionar primeiro à cruzadinha, talvez por ser uma maneira mais divertida e ao mesmo tempo lúdica de solucionar problemas. Notou-se também maior dificuldade em questões de compreensão e interpretação textuais, não muito graves, mas preocupantes. Além disso, chama-se atenção para respostas vagas, curtas, desprovidas de clareza e objetividade, mesmo tendo havido a preocupação de contextualizar as questões de modo a estimular a reflexão e raciocínio dos alunos.

5. CONSIDERAÇÕES

As experiências até aqui adquiridas com o desempenho do estágio Supervisionado II, além da vivenciada no Estágio Supervisionado I, no 2º semestre de 2010, agregaram inegavelmente imensurável valor a formação docente. Vivenciar a realidade do ambiente escolar e a experiência da regência, agora no ensino médio, norteou basicamente para os caminhos e a essência da profissão. Percebe-se que o papel do professor é majoritariamente, além de outras coisas, estimularem o conhecimento, promover uma aprendizagem significativa, independente do ambiente e/ou das condições de ensino que se encontre.

Todavia, ainda é defendido que o estágio seja realizado paralelamente aos outros componentes inicialmente e durante toda a graduação. Pensa-se ser importante à habilidade teórica e prática, permanecerem articuladas desde o começo do curso de licenciatura, em especial. Compreende-se que os conhecimentos teóricos aliados ao processo do estágio permitem reflexões sobre o que se aprende na universidade e o que é, possivelmente, a realidade do ensino nas escolas públicas.

O que se notou é que nem sempre a escola irá dispor de boa estrutura, de recursos didáticos adequados e modernos, ou, até mesmo, de recursos que para nós seriam muito simples, como o livro didático. Manter o entusiasmo (pouco demonstrado pelos professores observados, até então), adquirido principalmente na graduação, durante toda a carreira profissional, talvez seja difícil frente à realidade de ensino que se encontra historicamente precário, principalmente nas escolas públicas. Cabe aos educadores acreditarem que sejam possíveis avanços expressivos na educação.

De fato, talvez o mais difícil não seja acreditar e sim ter coragem de seguir na profissão, frente a tantos obstáculos, o desânimo quando em vez bate a porta, reflexo da desvalorização do profissional e *a priori* do desmazelo com a educação neste país, que ironicamente é a 7ª economia mundial³ e ocupa o antepenúltimo lugar no ranking entre 40 países analisados, no The Learning Curve (Curva do Aprendizado, em inglês), realizado pela The Economist Intelligence Unit (EIU) e Pearson Internacional⁴, divulgado neste ano de 2014. Acrescenta-se que, em relação ao estudo anterior, de 2012, o país subiu uma colocação

³ Segundo levantamento da *Economist Intelligence Unit* (EIU), 27/02/2014 - 10:56.

⁴ Divulgado em 08/05/2014 - 12:00.

(no que se refere ao avanço econômico, apesar de ter piorado seu desempenho no índice educacional).

Mesmo com tantas dificuldades, desenvolver nas aulas de Geografia uma aprendizagem valorativa, significativa e cidadã é o que a muito tem se sonhado entre aqueles que vêem, a partir da ciência geográfica, possibilidades de mudanças socioespaciais positivas. Em relação a tais mudanças podem-se citar algumas: a percepção do indivíduo como sujeito histórico, social e atuante no mundo e *a priori* no meio em que vive; o desenvolvimento de noção correta da organização espacial; ou até mesmo o indivíduo dar positivas contribuições para solucionar problemas do país.

Enfim, além dessas e de outras inúmeras participações, sabe-se que a Geografia é capaz de transformar o aluno passivo em ativo, instrumentalizá-lo para que exerça de fato sua cidadania. Para finalizar, pensa-se que o ensino, a escola, a educação (sabe-se que esta, por sua vez, começa primeiro no ambiente familiar, contudo é na escola que ela se transforma e faz a diferença positiva na vida de qualquer indivíduo que dela possa e tenha a oportunidade de usufruí-la dignamente) precisam ser mais amplos, mas acima de tudo, precisam ser democráticos, fala-se muito nisso, no entanto pouco tem se realizado para alcançar, o que parece ser utópico neste país.

RESUMEN

El presente relato se desarrolla acerca de la experiencia de la pasantía ministrada en una clase de tercer año de la enseñanza mediana en la Escuela Estadual Dr. Elpídeo de Almeida, localizada en el barrio de Prata, en la ciudad de Campina Grande – PB. Objetivando así, demostrar como ocurrió el proceso de pasantía de supervisión referente al año lectivo de 2012, Con el fin de lograr tal afirmación, había documental y la pesquisa bibliográfica y la investigación in situ, entrevistas orales y observaciones del ambiente escolar. Algunos de los objetivos que son considerado pertinentes y relevantes para la vida cotidiana de las clases de geografía se presentan, como una planificación flexible, dado que las posibilidades de que la clase tome otra dirección para los contextos actuales, explotado por los medios de comunicación. De esa forma, se debe considerar también la búsqueda de algunas prácticas y métodos más dinámicos que despiertan el interés de los alumnos por el aprendizaje; Sugerimos que la alternancia de recursos didácticos en el aula sea necesario y oportuno, con el fin de romper con el papel de los libros de texto, que son basados en general en un modelo de enseñanza tradicional, por lo que es difícil de hacer un abordaje y reflexión delante de las necesidades de los estudiantes sobre la temática en foco. Sigue con la presentación de informes de las clases observadas y realizadas. Luego, se concluye con una reflexión sobre la importancia de la capacitación para la formación de docentes, el papel del profesor de Geografía, especialmente en la promoción de un aprendizaje significativo y ciudadana, teniendo la familia como base educacional y en la búsqueda de una educación institucional amplia y sobretodo, democrática.

PALABRAS-CLAVE: Pasantía de supervisión. Geografía. Enseñanza.

REFERÊNCIAS

AZAREDO, Marina; SALDAÑA, Paulo. Brasil ocupa fim de ranking de educação {on line}. Disponível via <http://www.cidadessustentaveis.org.br/noticias/brasil-ocupa-fim-de-ranking-de-educacao>. Arquivo capturado em 06 de set. de 2014.

BARBOSA, Jorge L. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana F. A. (Org.). *A geografia na sala de aula.* – São Paulo: Contexto, 2010, p. 109-133.

BRASIL deverá cair para a 9ª posição entre as maiores economias {on line}. Disponível na internet via <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/brasil-devera-cair-para-a-9-posicao-entre-as-maiores-economias>. Arquivo capturado em 06 de set. de 2014.

CARISSIMI, Aline Chalus Vernick; TROJAN, Rose Meri. A valorização do professor no Brasil no contexto das tendências globais. *Jornal de políticas educacionais*. Nº 10 | Agosto-Dezembro de 2011 | PP. 57–69. Disponível em: <http://www.jpe.ufpr.br/n10_6.pdf>. Acesso em: 20 de nov. 2012.

CERQUEIRA, Wagner. A importância do plano de aula. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/a-importancia-plano-aula.htm>>. Acesso em: 19 de nov. 2012.

FILHO, Fernando Mário Edson Ferreira de Azevedo. COLÉGIO ESTADUAL DR. ELPÍDIO DE ALMEIDA – PRATA. Disponível em <<http://www.colegiodaprata.xpg.com.br/>>. Acesso em 10 de nov. 2012.

FREITAS, Eduardo de. Geografia. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/geografia.htm>>. Acesso em: 29 de nov. 2012.


KAERCHER, André N. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C. (org). *Ensino de geografia*. 9ª ed. – Porto Alegre: Mediação, 2010, p. 135-167.

PERELLÓ, J. S. *Pedagogia do estágio*. Belo Horizonte, Editora PUC; Minas Gerais: CIEE/MG, 1998.

SCANDELAI, Natálie R. Planejamento. In: MALYSZ, Sandra T; PASSINI, Elza Y; PASSINI, Romão. *Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado*. – São Paulo: Contexto, 2010, p. 58-64.

VESENTINI, J. W (Org). *O Ensino de geografia no século XXI*. – Campinas, SP: Papirus, 2004.

APÊNDICES

	UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
	CENTRO DE EDUCAÇÃO
	DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
	DISCIPLINA: GEOGRAFIA
	CARGA HORÁRIA: 30 minutos/aula (1ª e 2ª AULA)
	SÉRIE: 3º ANO MÉDIO “B” TURNO: NOTURNO
PROFESSOR(A): CRISTISANGELA SILVA	
DATA: 30/10/2012	

PLANO DE AULA

1.0 – TEMA:

O MEIO RURAL E O AGRONEGÓCIO

COMPREENDER A RELAÇÃO: MEIO RURAL E AGRONEGÓCIO;
 IDENTIFICAR OS FATORES QUE FAZEM O BRASIL GANHAR DESTAQUE MUNDIAL NO AGRONEGÓCIO;
 ENTENDER O PROCESSO DE EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO DENTRO DO PAÍS
 IDENTIFICAR RAMOS DO AGRONEGÓCIO TAMBÉM NO CENÁRIO DA PARAÍBA

4.0 – METODOLOGIA

EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DE SLIDES SOBRE O CONTEÚDO

5.0 – RECURSOS DIDÁTICOS


DATA SHOW

6.0 – AVALIAÇÃO

PARTICIPAÇÃO
 COMPORTAMENTO

7.0 – REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Regina; GUIMARÃES, Raul. Borges; TERRA Lygia. **Conexões – estudos de geografia do brasil.** – São Paulo: Moderna, 2011.

	UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
	CENTRO DE EDUCAÇÃO
	DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
	DISCIPLINA: GEOGRAFIA
	CARGA HORÁRIA: 30 minutos/aula (3ª e 4ª AULA)
	SÉRIE: 3º ANO MÉDIO TURNO: NOTURNO
PROFESSOR(A): CRISTISANGELA SILVA	
DATA: 13/11/2012	

PLANO DE AULA

1.0 – TEMA:

O MEIO RURAL E O AGRONEGÓCIO

- IDENTIFICAR OS IMPACTOS NEGATIVOS DO AGRONEGÓCIO
- ENTENDER O PROCESSO DE EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO NO DECORRER DAS DÉCADAS
- COMPREENDER CONCEITOS RELACIONADOS AO MEIO RURAL E AO AGRONEGÓCIO
- IDENTIFICAR ÁREAS DO AGRONEGÓCIO NO BRASIL

4.0 – METODOLOGIA

ATIVIDADE ELABORADA PARA AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM

5.0 – RECURSOS DIDÁTICOS

LIVRO DIDÁTICO
PINCEL
APAGADOR

6.0 – AVALIAÇÃO

ATIVIDADE PESQUISADA

ARAÚJO, Regina; GUIMARÃES, Raul. Borges; TERRA Lygia. **Conexões – estudos de geografia do brasil.** – São Paulo: Moderna, 2011.

E.E.E.M. e P. DR. ELPÍDEO DE ALMEIDA (ESTADUAL DA PRATA)
 DISCIPLINA: GEOGRAFIA
 PROF^a. ESTAGIÁRIA (UEPB): CRISTISANGELA SILVA
 ALUNO (A): _____
 TURMA: 3º ANO MÉDIO “B”
 TURNO: NOTURNO
 DATA: 13/09/12.

III BIMESTRE

EXERCÍCIO PARA VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

I) Analise as charges



Nas charges ao lado são feitas críticas ao agronegócio. Cite no mínimo 4 (quatro) impactos negativos socioambientais que estejam relacionados direto ou indiretamente com o agronegócio e comente um pouco sobre dois deles.

Pode-se observar o desmatamento e queimadas, pois para realização do plantio, muitas vezes a vegetação nativa é retirada; a concentração de terra, diminuição da oferta de emprego, trabalho escravo excessivo, devido ao ganho por produção, aumenta esse tipo de exploração e o desgaste físico do indivíduo; a contaminação do solo, rios, lençóis freáticos por resíduos químicos, agrotóxicos e os gastos intensivos de água, são alguns exemplos de impactos socioambientais.

II) (UFBA, 2007) Leia o texto.

“A agricultura é hoje o maior negócio do país. Quando a colonização do Brasil começou, também era. Mas isso não quer dizer que nossa economia está parada no tempo. Muito ao contrário. É o poder do campo em gerar matéria-prima e riqueza que alavancou a indústria e os serviços depois de anos de estagnação. Apenas [em 2005], a cadeia do agronegócio gerou um Produto Interno Bruto de 534 bilhões de reais”.

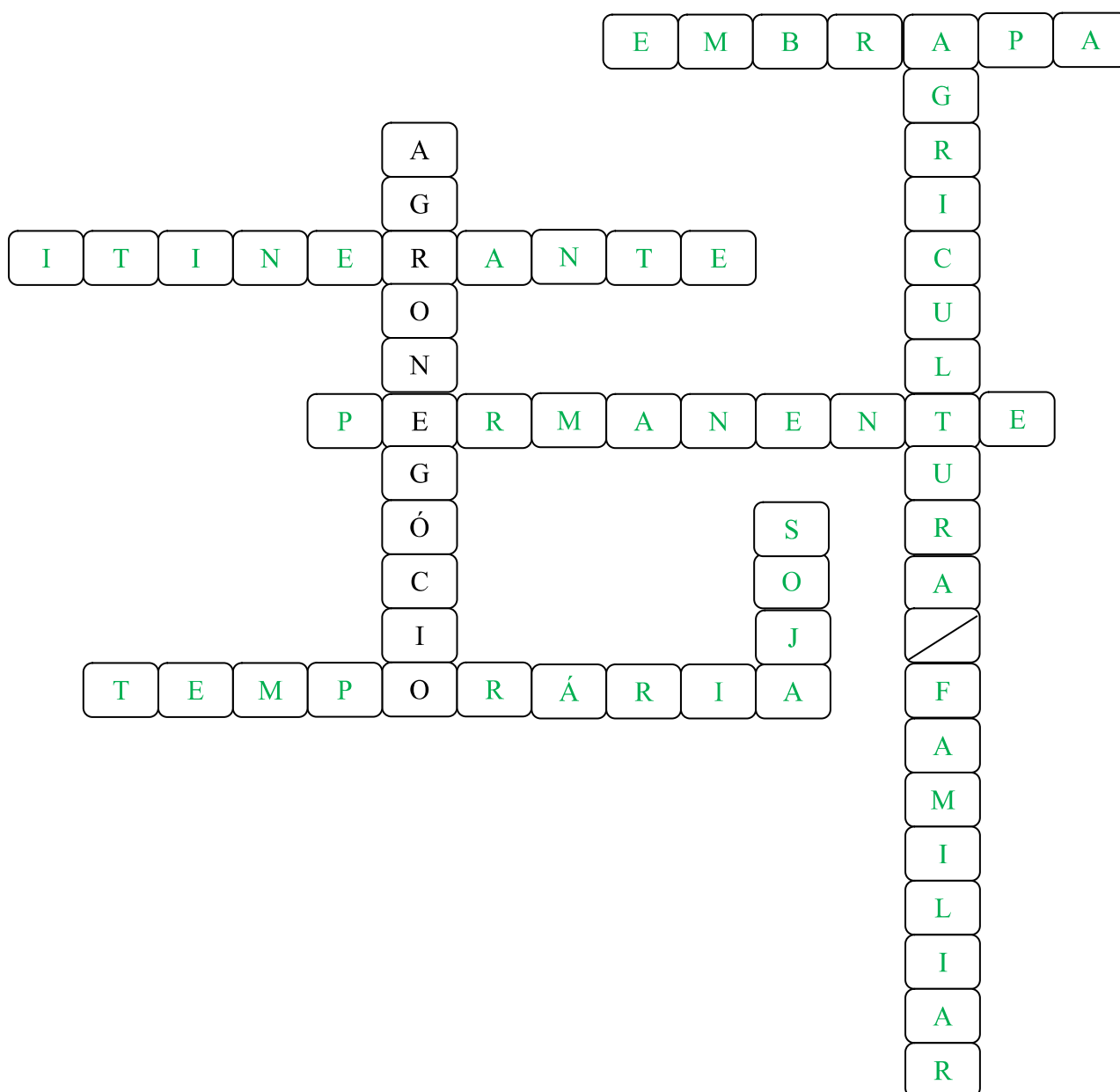
A partir da leitura do texto, defina o agronegócio, cite duas novas áreas dessa atividade no país e indique a primeira cultura do Brasil Colônia que ainda continua expressiva em várias regiões do Brasil.

Trata-se de toda relação industrial ou comercial envolvendo a cadeia produtiva agrícola ou pecuária.

III) Resolva a cruzadinha com base nas dicas:

1. São unidades de produção nas quais os proprietários trabalham diretamente na terra, sem uso de outra forma de mão de obra, além dos próprios membros da família.

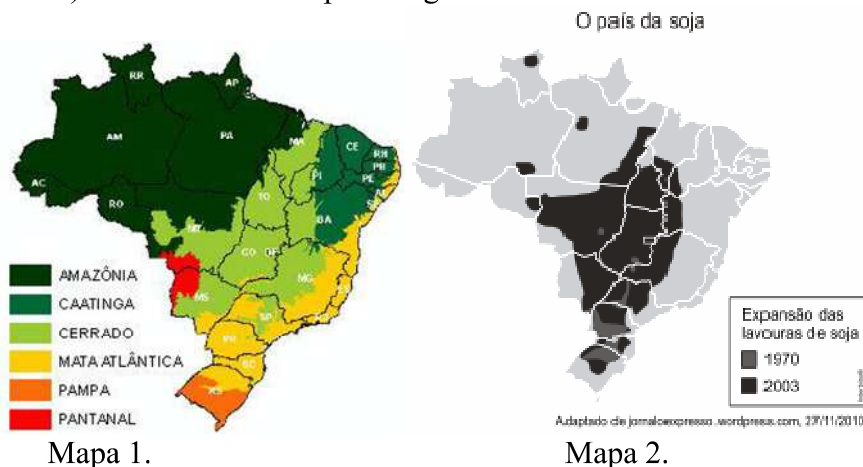
2. Produto mais plantado e exportado do país atualmente.
3. Órgão governamental criado com o objetivo de melhorar as condições de plantio e seleção de novas espécies adaptadas aos solos brasileiros, realiza cursos para auxiliar o pequeno produtor a obter melhores resultados agrícolas nessas áreas.
4. Lavouras com ciclo de vida curto.
5. Plantio de culturas, lavouras de longa duração.
6. Sistema que possui técnica rudimentar de plantio, que consiste no desmatamento de um pedaço de terra, seguido de ateamento de fogo para proceder à limpeza do terreno.



IV) Escreva 3 (três) exemplos de culturas permanentes e 3 (três) de culturas temporárias em destaque na Paraíba.

Permanentes: abacate, algodão, banana, coco, goiaba, castanha etc. Temporárias: cana-de-açúcar, feijão, milho, mandioca, tomate, abacaxi etc.

V) Analise os mapas a seguir:



Agora responda:

Sabendo que a expansão das fronteiras agrícolas vem prejudicando intensivamente os biomas brasileiros, representados no primeiro mapa, quais dessas coberturas vegetais naturais (biomas) foram as mais afetadas, devido à monocultura da soja, representada no segundo mapa?

Verifica-se a expansão das lavouras de soja nos biomas dos pampas gaúchos, na mata atlântica, no cerrado principalmente, em parte do pantanal mato-grossense e avançando mais expressivamente pela parte sudeste da floresta amazônica.

Êxito!